

# **Do Zero ao Digital: Saberes Tradicionais e Estratégias Digitais na Jornada de Mulheres Indígenas Empreendedoras**

**Vitória Bobot da Silva<sup>1</sup>, Ana Júlia Fernandes<sup>1</sup>, Sabrina da Silva Frazão<sup>1</sup>,  
Fabiann Matthaus Dantas Barbosa<sup>1</sup>, David Washington Freitas Lima<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM)  
Campus Manaus Zona Leste – Manaus – AM – Brasil

{vcarolayne246, euana.juliaoficial, sabrinadasilva.frazao}@gmail.com,  
{fabian.dantas, david.lima}@ifam.edu.br

**Abstract.** *This work reports the experience of a digital inclusion workshop aimed at indigenous women entrepreneurs. The extension initiative, with a total workload of 20 hours, used active learning methodologies to train 20 participants in the strategic use of social media and digital tools to promote their products. The activities ranged from basic mobile device use to content production and digital planning. The results showed significant improvements in the participants' digital skills, self-esteem, and motivation. The project promoted female empowerment, cultural appreciation, and strengthened the dialogue between traditional knowledge and contemporary technologies.*

**Resumo.** *Este trabalho relata a experiência de uma oficina de inclusão digital voltada para mulheres indígenas empreendedoras. A ação extensionista, com carga horária de 20 horas, utilizou metodologias ativas para capacitar 20 mulheres no uso estratégico de redes sociais e ferramentas digitais para divulgação de seus produtos. As atividades abordaram desde o uso básico de dispositivos móveis até produção de conteúdo e planejamento digital. Os resultados demonstraram avanços significativos nas habilidades digitais, autoestima e motivação das participantes. O projeto promoveu o empoderamento feminino, a valorização cultural e fortaleceu o diálogo entre saberes tradicionais e tecnologias contemporâneas.*

## **1. Introdução**

A inclusão digital tem se tornado um elemento fundamental para democratizar o acesso a oportunidades, especialmente em um mundo onde a tecnologia desempenha um papel central nas esferas social, econômica e cultural [Ferreira 2005].

No Brasil, mulheres indígenas enfrentam desafios históricos no acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), agravados por barreiras estruturais e culturais que limitam sua participação nos campos tecnológicos [Ferreira 2021a]. Essa exclusão aprofunda desigualdades econômicas e sociais, já que as TICs são essenciais para integração na economia globalizada e para ampliar vozes e identidades culturais.

Nas comunidades amazônicas, esses desafios são ainda mais complexos devido ao isolamento geográfico, à escassez de infraestrutura digital e às barreiras linguísticas [Di Felice and Pereira 2017]. Para as mulheres indígenas, o acesso às tecnologias vai além da simples inclusão econômica: é uma ferramenta poderosa para conectar suas

práticas tradicionais ao mundo digital, promover seus negócios, preservar saberes ancestrais e fortalecer suas identidades culturais [Ferreira 2021b]. Dessa forma, a tecnologia não apenas abre portas para novos mercados, mas também contribui para a valorização e projeção da diversidade cultural dessas comunidades, promovendo práticas que favoreçam o empoderamento das mulheres indígenas, incentivando-as a se apropriar de suas próprias potencialidades, em um contexto cada vez mais digital.

A participação das mulheres indígenas na criação de produtos e serviços é uma expressão profunda de suas tradições, saberes ancestrais e conexão com a natureza. Elas desempenham um papel central na produção artesanal, na agricultura sustentável e na elaboração de bens culturais que carregam consigo a identidade de suas comunidades [Ferreira 2021a]. No entanto, apesar da riqueza de suas criações, muitas enfrentam desafios significativos para expandir a visibilidade de seus produtos, especialmente ao tentar acessar mercados fora de suas aldeias ou regiões.

O deslocamento para zonas urbanas em busca de oportunidades de venda e divulgação representa um obstáculo importante. Além das barreiras logísticas, como transporte e custos, essas mulheres frequentemente se deparam com a falta de familiaridade com as ferramentas digitais e estratégias de marketing, o que limita seu alcance e integração em um mercado cada vez mais digital. Muitas vezes, sem orientação adequada, enfrentam dificuldades em usar redes sociais, plataformas de e-commerce ou até mesmo compreender as demandas do consumidor urbano [Leal 2021].

Essa situação reforça a necessidade de iniciativas que não apenas incluam essas mulheres no ambiente digital, mas também valorizem e respeitem suas culturas e narrativas. Ensinar técnicas de divulgação online e estratégias de marketing digital é mais do que capacitação técnica; é um meio de empoderá-las, preservando suas histórias e promovendo a autonomia econômica. Ao conectar suas práticas tradicionais ao mundo digital, essas mulheres podem não apenas ampliar o alcance de seus produtos, mas também fortalecer suas comunidades e demonstrar o valor inestimável de suas culturas no cenário global [Melo 2017].

Diante do contexto apresentado, este estudo tem como objetivo relatar as ações realizadas em um projeto que busca capacitar mulheres indígenas para a divulgação de seus produtos e serviços no ambiente digital, promovendo a inclusão e a valorização cultural. Dessa maneira, por meio de oficinas práticas que utilizam metodologias ativas, são abordados aspectos técnicos, como o uso estratégico de redes sociais e ferramentas de marketing digital, além de promover espaços de troca sobre desafios e oportunidades no mercado.

Este trabalho também analisa os resultados qualitativos obtidos, com foco na percepção de motivação e valor da aprendizagem ao longo da oficina. A iniciativa buscou compreender como o aprendizado prático e o acesso às ferramentas digitais podem transformar a maneira como essas mulheres enxergam suas possibilidades de crescimento pessoal e econômico. Além disso, o projeto ultrapassa os limites tradicionais da instituição de ensino, ao estabelecer um diálogo ativo com as comunidades indígenas e atender às suas demandas específicas, promovendo uma troca de saberes que valoriza tanto o conhecimento acadêmico quanto o cultural.

## 2. Trabalhos Correlatos

Uma pesquisa na Biblioteca Digital da Sociedade Brasileira de Computação (SOL) foi realizada utilizando as palavras-chave “Mulheres” e “Inclusão Digital”. Como resultado, foram encontrados cinco estudos relacionados à temática da inclusão tecnológica voltada para mulheres em projetos de extensão. Destes, três apresentaram maior alinhamento com a proposta deste trabalho e serão discutidos a seguir.

O estudo feito por [Felizardo et al. 2024] abordam a inclusão digital de mulheres idosas como uma ferramenta essencial para promover autonomia, pensamento crítico e inclusão social. O trabalho destacou as barreiras enfrentadas por mulheres com mais de 60 anos no acesso a tecnologias, resultado de desafios históricos e sociais, e propôs um curso prático para capacitar-las em habilidades digitais essenciais. O conteúdo foi desenvolvido com base nas necessidades e interesses das mulheres idosas, utilizando estratégias que combinavam personalização dos materiais e suporte contínuo por voluntários e instrutores. O projeto também explorou como o uso de tecnologias pode ser uma ponte para melhorar a qualidade de vida, promover o bem-estar e combater o isolamento social.

Já [Ferreira et al. 2018] descreve a metodologia de um projeto de extensão desenvolvido com o objetivo de promover a inclusão digital, desmistificar tecnologias e empoderar jovens mulheres na área de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Aplicado na comunidade do Pedregal, em Aracati-CE, o projeto foi conduzido por estudantes e professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) e beneficiou mulheres que nunca haviam tido contato com computadores. Além de capacitar as participantes em habilidades básicas de informática, o projeto também propôs atividades complementares, como jogos de tabuleiro, para estimular o raciocínio lógico. Apesar das dificuldades enfrentadas, como a falta de prática em casa devido à ausência de computadores, as alunas demonstraram persistência, o que contribuiu para o sucesso do projeto.

O terceiro trabalho realizado por [Fernandes et al. 2024] aborda um projeto de extensão voltado para a inclusão digital de mulheres idosas na macrorregião do Sudeste Paraense. O objetivo principal foi adaptar o Mobile Device Proficiency Questionnaire (MDPQ) para uma linguagem mais simples e acessível, permitindo avaliar o nível de proficiência dessas mulheres no uso de smartphones. O trabalho reflete a urgência de conectar populações vulneráveis aos benefícios das tecnologias digitais, enfrentando desafios como baixa alfabetização digital e exclusão social. A coleta de dados envolveu 32 mulheres idosas, recrutadas em instituições como CRAS e associações comunitárias, com idades entre 50 e 85 anos.

Os três trabalhos analisados apresentam alinhamento significativo com os objetivos deste estudo, ao enfatizarem a inclusão digital como ferramenta de empoderamento e transformação social. Portanto este relato de experiência busca evidenciar a necessidade de materiais e metodologias acessíveis, que dialogue diretamente com o desafio de adaptar conteúdos às particularidades culturais e linguísticas das mulheres indígenas.

Em conjunto, esses estudos fornecem uma base valiosa para o desenvolvimento e aprimoramento do nosso projeto, evidenciando a importância de estratégias personalizadas que unam capacitação técnica, valorização cultural e inclusão social.

### **3. Metodologia**

O presente estudo foi estruturado em uma pesquisa aplicada caracterizada como exploratória, de tipo estudo de caso, com abordagem qualitativa já que tem por objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito. Para isso, as ações foram divididas em duas grandes frentes: pesquisa e extensão. O eixo de pesquisa focou no acompanhamento do impacto das atividades realizadas, com uma análise centrada na percepção da motivação e do valor de aprendizagem das mulheres na oficina. Já o eixo de extensão buscou proporcionar experiências práticas e transformadoras às participantes, com ênfase em capacitação e sensibilização explorando possibilidades de intervenção que contribuam para a inclusão e empoderamento dessas mulheres.

A metodologia utilizada para a realização das atividades do projeto foi fundamentada nos princípios das metodologias ativas, que visa engajar os alunos de forma mais dinâmica e colaborativa, permitindo que se tornem protagonistas do próprio aprendizado [Aires et al. 2021].

O conteúdo foi desenvolvido de forma teórico-prática, utilizando metodologias ativas para promover engajamento, autonomia e colaboração entre as participantes, garantindo que cada mulher pudesse aplicar o conhecimento adquirido para divulgar seus produtos e serviços no ambiente digital. A Tabela 1 apresenta os conteúdos, tipo de metodologia ativa aplicada e estratégia utilizada em cada encontro durante a oficina.

Com carga horária total de 20 horas, as oficinas foram realizadas de forma totalmente presencial em um local externo ao campus na instituição, com 4 horas diárias, ao longo de 5 dias consecutivos. Participaram 20 mulheres indígenas, que se inscreveram de forma voluntária, buscando capacitação digital para aprimorar seus negócios. As atividades foram organizadas em 5 unidades temáticas, cada uma nomeada com referência a nomes femininos indígenas significativos, conforme a figura apresentada: Amanaci (Potencializando Dispositivos e Conexões para Empreendedoras), Araci (Explorando Ferramentas de Comunicação Digital), Potyra (Conectando-se nas Redes Sociais), Jaciara (Produção de Conteúdo Prático) e Iara (Explorando e Planejando o Futuro Digital).

A inserção de nomes indígenas femininos para nomear cada unidade do curso foi pensada como uma forma de valorizar a cultura e identidade das mulheres indígenas, promovendo um diálogo entre a tradição e a modernidade no processo de inclusão digital.

Os nomes escolhidos – Amanaci, Araci, Potyra, Jaciara e Iara – carregam significados profundos, conectando as participantes com símbolos de sabedoria, renovação, florescimento e planejamento. Por exemplo, Amanaci, a Deusa da Lua, representa inspiração e novos caminhos, enquanto Potyra, que significa flor, simboliza o florescimento de oportunidades através do aprendizado. Essa abordagem não apenas fortalece a representatividade cultural no contexto das oficinas, mas também serve como um estímulo motivacional, associando cada etapa do curso a valores que refletem a jornada de transformação das participantes. Assim, a nomeação das aulas contribui para tornar o aprendizado mais significativo e alinhado com as vivências e raízes das mulheres indígenas envolvidas no projeto.

Antes do início das oficinas, foi realizada uma visita à comunidade indígena urbana (Figura 1) com o objetivo de conhecer a realidade local, ouvir as demandas diretamente das mulheres e estabelecer uma relação de confiança. A partir desse contato, o

**Tabela 1. Atividades e estratégias ao redor da oficina**

<b>Dia</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Estratégia</b>	<b>Metodologia Ativa</b>
01 - Amanaci	Potencializando Dispositivos e Conexões para Empreendedoras	As participantes assistiam a demonstrações e, em seguida, realizavam atividades práticas para aplicar o que aprenderam.	Aprendizado por Demonstração
02 – Araci	Explorando Ferramentas de Comunicação Digital	As participantes exploraram as ferramentas com o apoio do instrutor.	Exploração Guiada
03 – Potyra	Conectando-se nas Redes Sociais	Revisão em grupo das configurações realizadas, com sugestões de melhorias e ajustes..	Feedback Colaborativo
04 – Jaciara	Produção de Conteúdo Prático	Foram apresentados desafios, para que as participantes encontrem soluções práticas.	Aprendizagem Baseada em Problemas
05 – Iara	Explorando e Planejando o Futuro Digital	Troca de experiências sobre desafios e boas práticas, incentivando o compartilhamento de saberes entre as participantes.	Dinâmica de Grupos

convite para participação foi feito de forma voluntária, respeitando a autonomia e o interesse das participantes. As oficinas ocorreram nas dependências da instituição promotora do projeto, que também ofereceu suporte logístico para o deslocamento das mulheres até o local do curso, garantindo acesso e permanência ao longo de toda a formação.

#### **4. Atividades Desenvolvidas**

No primeiro dia, a aula teve como foco capacitar as participantes a otimizar o uso de dispositivos móveis e navegadores, promovendo segurança e autonomia na tecnologia. O conteúdo abordou a configuração básica dos celulares, uso de atalhos, navegação nos menus e conexão segura com redes Wi-Fi. A estratégia adotada foi a Aprendizagem por Demonstração, onde as participantes observavam demonstrações práticas realizadas pelos instrutores e, em seguida, realizavam as mesmas atividades nos próprios dispositivos. Esse método permitiu um aprendizado direto e efetivo, facilitando a fixação das funções apresentadas.

O segundo dia foi dedicado à instrução prática sobre navegadores, e-mails e What-



**Figura 1. Visita a Comunidade Indígena Urbana**

sApp Business como ferramentas essenciais de comunicação e negócios (Figura 2). As participantes aprenderam a criar contas de e-mail, enviar mensagens, configurar anexos e utilizar o WhatsApp para interagir com clientes. A estratégia aplicada foi a Exploração Guiada, onde, com o apoio do instrutor, as mulheres puderam explorar as ferramentas no seu ritmo, promovendo autonomia e confiança. Durante a prática, as participantes realizaram simulações reais de envio de e-mails e mensagens automáticas, garantindo a aplicação imediata do conteúdo.



**Figura 2. Estratégia de Exploração Guiada para aula 2.**

Já no terceiro dia, o objetivo foi capacitar as participantes a criar presença digital e engajar o público por meio do Facebook e Instagram. O conteúdo incluiu a criação e configuração de perfis, elaboração de postagens, curtidas, comentários e interação com seguidores. A estratégia central foi o Feedback Colaborativo, onde as participantes configuraram seus perfis e compartilharam as configurações com o grupo, recebendo sugestões de melhorias. Esse método possibilitou uma troca de experiências rica e a identificação de boas práticas para a construção de perfis comerciais mais atrativos e funcionais.

No dia seguinte, a aula foi voltada para ensinar técnicas de fotografia, edição de

imagens e publicação de conteúdos visuais, visando chamar a atenção do público-alvo. As participantes aprenderam a capturar fotos com melhor iluminação, foco e ângulos adequados, além de editar imagens com ferramentas simples como Canva e os próprios aplicativos das redes sociais. A metodologia ativa escolhida foi a Aprendizagem Baseada em Problemas, em que desafios reais foram apresentados para que as participantes encontrassem soluções práticas, como produzir e publicar um post visualmente atrativo com base nas imagens editadas durante a aula.

No último dia, o objetivo foi apresentar novas ferramentas digitais e motivar as participantes a continuarem explorando a tecnologia em seus negócios. O conteúdo abordou a pesquisa de tutoriais no Google e YouTube, além de discussões sobre como aplicar o aprendizado no cotidiano. A estratégia adotada foi a Dinâmica de Grupos, com compartilhamento de experiências entre as participantes, discutindo dificuldades enfrentadas e boas práticas identificadas, conforme a Figura 3. Ao final, cada participante elaborou um plano de ação digital para os próximos 30 dias, promovendo continuidade e aplicação prática dos conhecimentos adquiridos.



**Figura 3. Dinâmicas de Grupos**

Ao término das oficinas, as participantes foram convidadas a compartilhar suas experiências e percepções sobre o conteúdo aprendido e sua aplicação prática em seus negócios. Em um momento de troca e reflexão, as mulheres voluntariamente relataram como as aulas contribuíram para aprimorar suas habilidades digitais e fortalecer a divulgação de seus produtos e serviços.

Essa etapa foi essencial para consolidar o aprendizado e destacar a importância do uso estratégico das ferramentas tecnológicas no dia a dia. Além disso, as colaborações trouxeram feedbacks valiosos sobre os desafios enfrentados e as conquistas alcançadas durante o processo, evidenciando o impacto transformador da oficina na vida dessas mulheres, com aplicação prática em seu cotidiano. Consequentemente, o encontro não apenas ofereceu uma experiência prática de aprendizado, mas também estimulou a reflexão sobre o papel da tecnologia nas suas comunidades e como ela pode ser usada para promover o desenvolvimento social e cultural.

## 5. Resultados e Discussões

Para avaliar o valor da aprendizagem e percepção da motivação das participantes com o processo de ensino foi realizada uma pesquisa utilizando formulários Google, organizando as informações em duas categorias:

- Percepção do valor da aprendizagem: Trata da maneira como as participantes atribuíram sentido ao que aprenderam, refletindo sobre o quanto o conteúdo contribuiu para seu desenvolvimento pessoal e para a melhoria de seus negócios no ambiente digital.
- Percepção da motivação: o grau de motivação promovido pelas atividades para a aprendizagem da aluna com base nas atividades realizadas.

Para fins de organização e clareza na apresentação dos depoimentos, as participantes foram identificadas neste trabalho como P1 a P20, preservando-se suas identidades.

### 5.1. Percepção do Valor da Aprendizagem

Durante a avaliação do projeto, buscou-se compreender de forma qualitativa como as participantes perceberam o valor do aprendizado ao longo das oficinas. Os relatos e reflexões demonstraram que o conteúdo foi considerado relevante e aplicável à realidade cotidiana das mulheres indígenas empreendedoras. As participantes relataram que, antes do curso, sentiam dificuldades em utilizar dispositivos móveis e redes sociais de forma estratégica, o que limitava suas possibilidades de divulgação e venda de produtos.

Ao longo das atividades, houve um visível fortalecimento da autoconfiança, refletido na autonomia para realizar configurações básicas, criar perfis comerciais, produzir conteúdo e interagir com clientes no ambiente digital. A participante P4 destacou: “*Antes eu tinha muito medo de mexer no celular pra divulgar meu trabalho. Achava que ia errar ou fazer algo errado. Mas depois da oficina, fui ganhando confiança. Hoje eu me sinto capaz, faço sozinha e até ensino outras pessoas. Nunca pensei que conseguiria.*”

Esse tipo de percepção revela que o processo de aprendizagem foi reconhecido como acessível e significativo. Outro exemplo foi o impacto da produção de conteúdo visual. Segundo o relato da participante P9:: “*Quando eu vi que podia mostrar meu artesanato nas redes sociais e que as pessoas se interessavam, fiquei muito feliz. É o meu trabalho, é a minha cultura. Agora eu quero mostrar mais, porque vi que tem valor.*”

O ambiente colaborativo também foi apontado como essencial para esse processo, permitindo que elas aprendessem umas com as outras, compartilhassem experiências e percebessem que enfrentavam desafios semelhantes. A participante P7 relatou: “*Aprender junto com outras mulheres foi o mais importante pra mim. A gente trocava ideias, explicava uma pra outra, e isso me ajudou a entender melhor as coisas. Não era só o conteúdo, era a vivência compartilhada.*”

Essa troca foi fundamental para promover um sentimento coletivo de valorização e progresso, evidenciando que o conhecimento adquirido ultrapassou a técnica, sendo reconhecido como ferramenta de empoderamento, pertencimento e transformação social no espaço digital.

### 5.2. Percepção da Motivação

A análise qualitativa da percepção de motivação das participantes revelou comentários positivos sobre o impacto das oficinas no desenvolvimento de habilidades digitais e na

confiança para aplicar os aprendizados em seus negócios. Os depoimentos das participantes destacam não apenas a aquisição de conhecimento, mas também o fortalecimento da autoestima e da motivação para continuar explorando ferramentas tecnológicas.

Depoimento da participante P12: “*Achei que por causa da minha idade eu não ia conseguir aprender essas coisas de celular, de internet... Mas me surpreendi. Cada dia que eu aprendia uma coisa nova, eu me sentia mais forte, mais capaz. Hoje eu vejo que nunca é tarde pra aprender, e fico feliz de mostrar pros meus netos que a vó também sabe mexer com tecnologia!*”. Esse relato mostra o quanto a oficina ajudou a superar barreiras iniciais de insegurança e permitiu que a participante adquirisse autonomia no uso das redes sociais como ferramenta de divulgação.

Relato da participante P15: “*Achei muito bom aprender a tirar fotos dos meus produtos e editar. Nunca imaginei que eu conseguia fazer isso sozinha, e hoje já planejo postar mais nas redes para atrair novos clientes.*”. Aqui, a participante destaca o impacto direto da aprendizagem prática no seu dia a dia, com foco na produção de conteúdo visual, evidenciando a motivação para aplicar o conhecimento com um objetivo claro.

Segundo a participante P3: “*Eu me motivei a participar porque vi que poderia aprender algo que ajudasse de verdade no meu trabalho. Eu vendo meus artesanatos, mas não sabia como mostrar para outras pessoas da cidade. Quando falaram que ia ter uma oficina pra ensinar a usar o celular, o Instagram, essas coisas, eu pensei: ‘é agora que eu vou aprender pra crescer meu negócio’. E foi isso mesmo. Me senti motivada porque vi que era uma chance de melhorar de vida*”. Esse tipo de fala demonstra uma motivação baseada em propósito, ou seja, o desejo de usar o aprendizado para promover mudanças reais em sua vida e negócio.

Dessa forma, esses depoimentos ressaltam a relevância das oficinas não apenas para a capacitação técnica, mas também para a motivação pessoal e o empoderamento das mulheres, incentivando-as a usar a tecnologia como aliada no desenvolvimento de seus negócios e na valorização de suas culturas e identidades.

## 6. Considerações Finais

As atividades desenvolvidas neste projeto demonstraram uma contribuição significativa para a inclusão digital e o empoderamento de mulheres indígenas empreendedoras. Através da extensão, foi possível romper as barreiras institucionais, levando conhecimento prático e aplicável a um público que, muitas vezes, enfrenta desafios no acesso à tecnologia.

A abordagem proposta, baseada em metodologias ativas, permitiu que as participantes fossem protagonistas do próprio aprendizado, desenvolvendo habilidades essenciais para divulgar seus produtos e serviços no ambiente digital. Além disso, a troca de saberes entre a academia e a comunidade fortaleceu a valorização da cultura indígena, conectando tradições com as oportunidades oferecidas pelo mundo tecnológico.

Como trabalhos futuros, propõe-se a continuidade das ações de extensão com a realização de atividades diretamente nas comunidades indígenas, expandindo o alcance do projeto para aquelas que não têm acesso facilitado às instituições de ensino. Essa abordagem permitirá a adaptação do conteúdo às realidades locais, respeitando as particularidades culturais e linguísticas das participantes. A ideia é oferecer módulos avançados

e novos temas, como o uso de marketplaces, ferramentas de comércio eletrônico e *storytelling* digital, capacitando ainda mais essas mulheres para ampliarem seus negócios e fortalecerem suas redes de comercialização.

Sendo assim, este estudo mostra que a inclusão digital é uma ferramenta poderosa para promover autonomia, valorização cultural e desenvolvimento socioeconômico. As oficinas realizadas mostraram resultados expressivos, tanto no aspecto técnico quanto no fortalecimento da autoestima das participantes, que se sentiram motivadas a explorar novas oportunidades no mundo digital. Esse projeto destaca a importância das ações de extensão na criação de pontes entre a escola e as comunidades, promovendo impacto real e contínuo na vida das participantes.

## Referências

- Aires, S. B. K. et al. (2021). Aplicando uma metodologia de aprendizagem colaborativa no ensino de programação. In *A Plurivalência da Engenharia da Computação e seu Amplo Campo de Aplicação*, pages 60–69.
- Di Felice, M. and Pereira, E. d. S. (2017). O digital nativo: a presença indígena na rede. <https://docplayer.com.br/15390877-O-digitalnativo-a-presencaindigena-na-rede.html>. Acesso em: 10 maio 2021.
- Felizardo, J., Graciano, V., Figueiredo, A. M., Guarisi, A., Boechat, P., and Vicente, G. (2024). Uma experiência de capacitação digital para mulheres: Rumo à inclusão tecnológica. In *Anais do XXXV Simpósio Brasileiro de Informática na Educação*, pages 3139–3148, Rio de Janeiro/RJ, Brasil. SBC.
- Fernandes, G. et al. (2024). Uma adaptação do mobile device proficiency questionnaires para um público de idosas da região amazônica. In *Anais do XVIII Women in Information Technology*, pages 309–318, Brasília/DF, Brasil. SBC.
- Ferreira, A. L. (2021a). Mulheres indígenas ativistas digitais: por uma comunicação intercultural e decolonial. *Anuário Inovação e Tecnologia na Educação da Rede e-Tec Brasil*, 1(1):31–45.
- Ferreira, A. L. (2021b). Mulheres indígenas nas redes sociais: ativismo e empoderamento. *Revista Cadernos Pagu*, (59).
- Ferreira, G. B. (2005). Identidade e políticas de reconhecimento social na sociedade de rede. In *Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 4*. [Livro de actas], Anais [...], Portugal.
- Ferreira, H. A. R., Barbosa, A. F., Braga, R. B., Viana, M. N., and Oliveira, C. T. (2018). Metodologia de um projeto de extensão para inclusão, desmistificação e empoderamento de jovens mulheres em tecnologias da informação e comunicação. In *Anais do XII Women in Information Technology*, Natal, Brasil. SBC.
- Leal, L. (2021). A resistência das mulheres indígenas nas redes sociais. *Jornal da USP*.
- Melo, M. (2017). A valorização da cultura indígena nas redes sociais. *Revista Ciberlegenda*, 39(2):25–37.